

Oswald: uma releitura

• Inédito

João Cezar de Castro Rocha
Para o Valor, de São Paulo

Renovar a leitura do “Manifesto Antropófago”, publicado em 1928, exige um tratamento complexo das ideias de Oswald de Andrade, pois a canonização de sua obra tem dificultado a tarefa. Muito diferente de seus últimos anos de vida, passados em sofrido ostracismo, Oswald de Andrade alcançou o status reservado aos mitos: citado sem nenhuma parcimônia, mas, efetivamente, muito pouco lido.

Para a releitura que constitui o propósito de “Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em Cena”, a seguinte hipótese parece necessária: o “Manifesto Antropófago” é pouco original, representando menos uma “criação” oswaldiana do que um autêntico gesto antropofágico de apropriação da atmosfera cultural dos anos 20 do século XX. Por isso, e sem intenção de alimentar falsas polêmicas, mas de estar à altura da potência do pensamento de Oswald de Andrade, acreditamos que para atualizar a leitura do “Manifesto Antropófago” é preciso desnacionalizá-lo e desoswaldianizá-lo. É preciso, sobretudo, realizar esses movimentos ao mesmo tempo, pois um implica o outro.

A intuição de Oswald nada tem a ver com a afirmação de uma hipotética originalidade de pensamento ou com a identificação de um imaginário caráter nacional. Recordemos que, segundo o próprio Oswald, a obra-prima antropofágica foi escrita por Mário de Andrade, “Macunaíma”, cujo subtítulo vale por todo um ensaio: “O Herói Sem Nenhum Caráter”. Isto é, o sujeito macunaímo-antropofágico inviabiliza qualquer pretensão ontológica. Muito pelo contrário, o vigor da antropofagia se relaciona com a capacidade de enriquecer-se através da assimilação do alheio.

A fim de compor sua teoria do canibalismo cultural, Oswald associou uma série de figuras do canibalismo com o passado colonial brasileiro, sistematizando-as na antropofagia. Na abordagem que proponho importa apontar o caráter propriamente nacional das formulações oswaldianas, mas desde que tal caráter não se limite exclusivamente à história intelectual brasileira, ou seja, à história do modernismo, pois a antropofagia oswaldiana possui um potencial reflexivo muito mais amplo.



De fato, desde a Primeira Guerra, a imagem do canibalismo retornou com força no cenário europeu. Tratava-se de uma forma de assimilar as consequências do conflito, visto como autêntico fratricídio. Em lugar de produzir riquezas e promover o bem-estar geral, a sociedade industrial multiplicou a produção de cadáveres, através da utilização bélica da tecnologia mais avançada. Pense-se, por exemplo, na metamorfose do avião em arma de guerra — circunstância que levou Santos Dumont a lamentar sua própria invenção!

Impressionados pela temática, os intelectuais europeus reagiram tanto aos horrores da guerra quanto às pressões da sociedade industrial reciclando a metáfora do canibalismo. Em 1920, Francis Picabia publicou o “Manifesto Canibal Dada” e, no mesmo ano, circulou a revista “Cannibale”. Porém, Picabia utilizou o termo “canibal” sobretudo pela conotação polêmica associada ao sacrifício, muito ao contrário do emprego sistemático inventado por Oswald de Andrade. Aliás, os casos de utilização da metáfora são inúmeros.

Em 1926, buscando uma imagem-síntese da desumanização das relações de trabalho, Fritz Lang, no filme “Metrópolis”, imaginou uma fábrica cujo centro de produção se transformava numa enorme boca alimentada pelos corpos dos operários. Entre 1924 e 1927, Paul Valéry produziu uma série de reflexões sobre o problema da influência artís-

Capa de Tarsila do Amaral para “Pau Brasil”, livro de poesias de Oswald de Andrade, publicado em 1925 em Paris, pela editora Au Sans Pareil. Exemplares dessa e outras obras de Oswald estarão em exposição durante a Flip

tica. Para o poeta, um “caso de estômago”. Numa passagem ainda mais expressiva, Valéry notou: “Nada mais original, nada mais próprio do que nutrir-se dos outros. Mas é preciso digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado”.

Dos beijos antropófagos ao bispo Sardiña: o banquete antropofágico vinha sendo preparado por vários cozinheiros em latitudes as mais diversas. Comer, digerir, nutrir-se: verbos onipresentes na sintaxe dos anos 20 e que tentavam definir uma forma renovada de relacionamento com o diferente, com a alteridade.

Muitos são os exemplos, mas o importante é salientar a abstração alcançada por Oswald

Oswald de Andrade processou dados brutos produzidos na Europa e os sintetizou numa teoria cultural: a antropofagia

na perfeita fórmula: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. Ou seja, os criadores europeus forneceram a matéria-prima: a reinvenção metafórica do canibalismo. Por sua vez, Oswald processou os dados brutos e os sintetizou numa teoria cultural: a antropofagia.

Assim, enquanto boa parte dos artistas europeus somente intuía a dimensão do dilema causado pela Primeira Guerra e pelo advento das sociedades capitalistas modernas, Oswald processou suas impressões, respondendo com a sistematização contida no “Manifesto Antropófago”, posteriormente ampliada em textos da década de 50, com destaque para “A Crise da Filosofia Messiânica. Eis a “novidade” oswaldiana: a inversão do modelo das trocas culturais. É por isso que apenas desnacionalizando e desoswaldianizando o “Manifesto Antropófago” faremos justiça à sua complexidade. Entenda-se, contudo, o alcance da proposta. Não se trata de desqualificar a obra de Oswald de Andrade, mas de recuperar sua potência, numa autêntica história literária antropofágica. Em tal história, a “angústia da influência” daria lugar à “produtividade da influência”, pois o inventor se consideraria tanto mais forte quanto mais célebres suas “influências” se revelarem.

Portanto, com o “Manifesto Antropófago”, Oswald deu sentido teórico à irônica proposta de uma poesia de exportação na forma de uma experiência teórica renovada e cada dia mais atual nas circunstâncias do mundo globalizado. Ora, se o grande dilema contemporâneo é inventar uma imaginação teórica capaz de processar a vertigem de dados recebidos ininterruptamente, então, a antropofagia oswaldiana bem pode mesmo tornar-se uma teoria de exportação.

Por isso, a atualidade de Oswald reside na arte de transformar o lema de Rimbaud [“Je est un autre”] numa renovada forma de compreender tanto a dinâmica do pensamento quanto o ato de criação. Recorde-se, para concluir, a observação de Caetano Veloso: “Na verdade, são poucos os momentos na nossa história cultural que estão à altura da visão oswaldiana. Tal como eu vejo, ela é antes uma decisão de rigor do que uma panaceia para resolver o problema da identidade do Brasil”. Afinal, compreendida enquanto essência, a identidade do Brasil recorda o célebre verso de Carlos Drummond de Andrade: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”

João Cezar de Castro Rocha, um dos autores convidados da Flip-2011, é professor de literatura da Uerj e organizador de “Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em Cena” (Editora Ê), que será lançado em Paraty. Este artigo é um trecho da introdução do livro. ■